

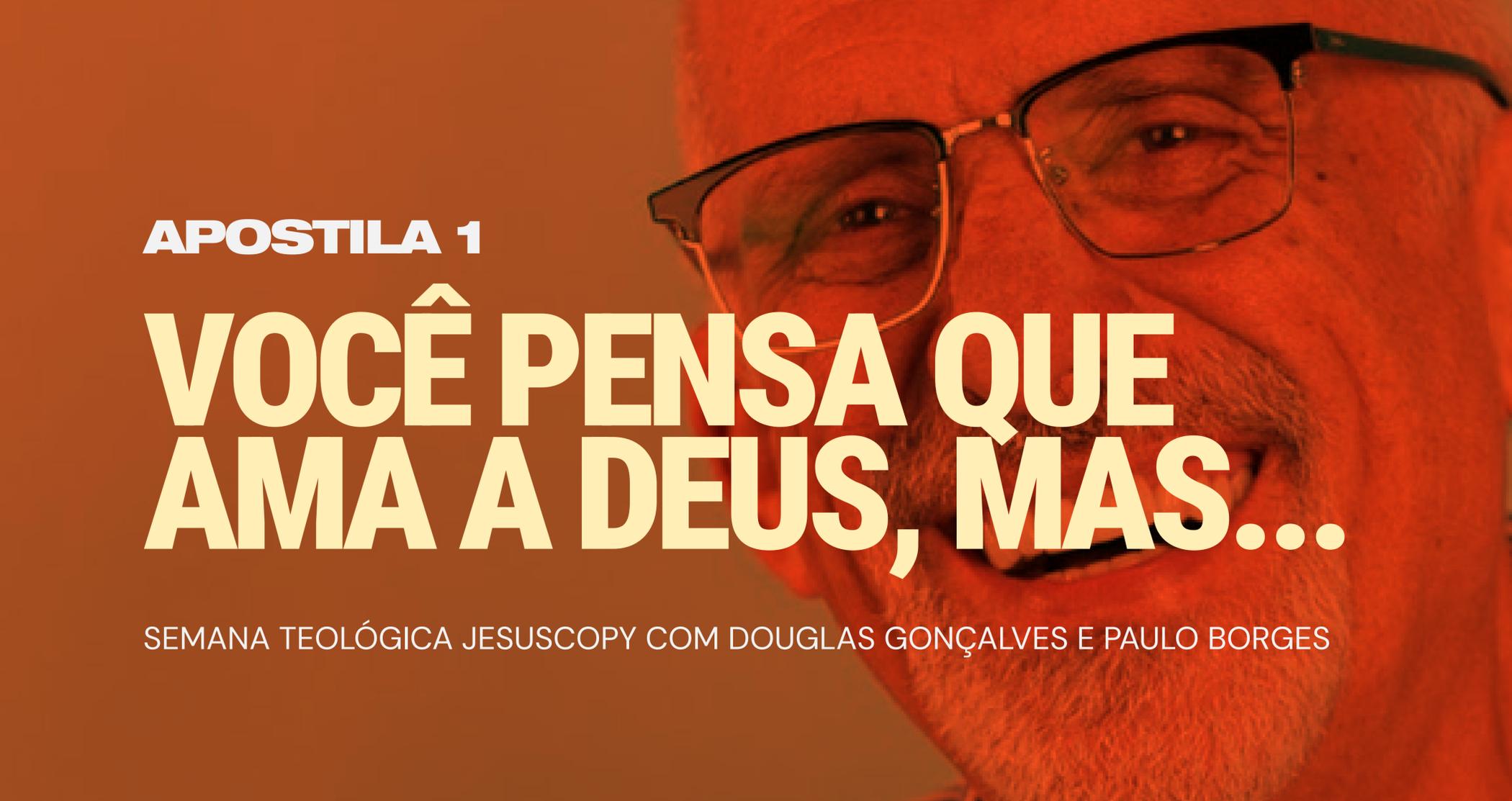
AULA.01

**paulo
borges jr.**

VOCÊ ACHA QUE

A DEUS, MAS...

SEMANA JESUS COPY
TEOLÓGICA



APOSTILA 1

VOCÊ PENSA QUE AMA A DEUS, MAS...

SEMANA TEOLÓGICA JESUSCOPY COM DOUGLAS GONÇALVES E PAULO BORGES

O principal objetivo do JesusCopy é conduzir as pessoas a conhecerem Jesus e se tornarem semelhantes a Ele. Esse propósito vai além de um simples desejo – trata-se de transformar isso na missão da vida. Quando algo se torna uma missão, todas as distrações tornam-se secundárias, e é possível viver com intencionalidade, conforme Paulo orienta aos coríntios: correndo como aqueles que almejam alcançar o prêmio.

Muitos têm limitado sua vida espiritual a práticas rápidas e superficiais, como orações curtas ou leituras pontuais da Bíblia. Embora essas ações tenham seu valor, elas não são suficientes para proporcionar um amadurecimento profundo na fé. É importante diferenciar reflexão de imersão:

DEVOCIONAIS:

Funcionam como lembretes de algo que já sabemos sobre Deus, mas não são adequados para aprofundar o conhecimento ou a maturidade espiritual.

ESTUDO BÍBLICO APROFUNDADO:

Apesar de uma leitura dedicada da Bíblia ser essencial, não é possível compreender plenamente a revelação de Deus sem considerar o trabalho teológico de outros irmãos na fé ao longo da história.

HERDEIRA DE UM LEGADO HISTÓRICO:

A teologia nos conecta ao trabalho de grandes pensadores cristãos, como Agostinho, Lutero e Calvino, cujas contribuições moldaram nossa compreensão atual da Palavra de Deus.

DEFESA DA FÉ:

Ao longo da história, a teologia foi fundamental para combater heresias e enfrentar os desafios de cada geração.

FERRAMENTA DE INTERPRETAÇÃO:

Uma leitura mal direcionada das Escrituras, como a interpretação incorreta de Mateus 7:1 sobre julgamento, pode gerar sérias distorções. A teologia proporciona um entendimento sólido e alinhado com o contexto bíblico.

Os tempos atuais demandam uma reflexão séria sobre a superficialidade da fé em diversos âmbitos:



DENTRO DA IGREJA:

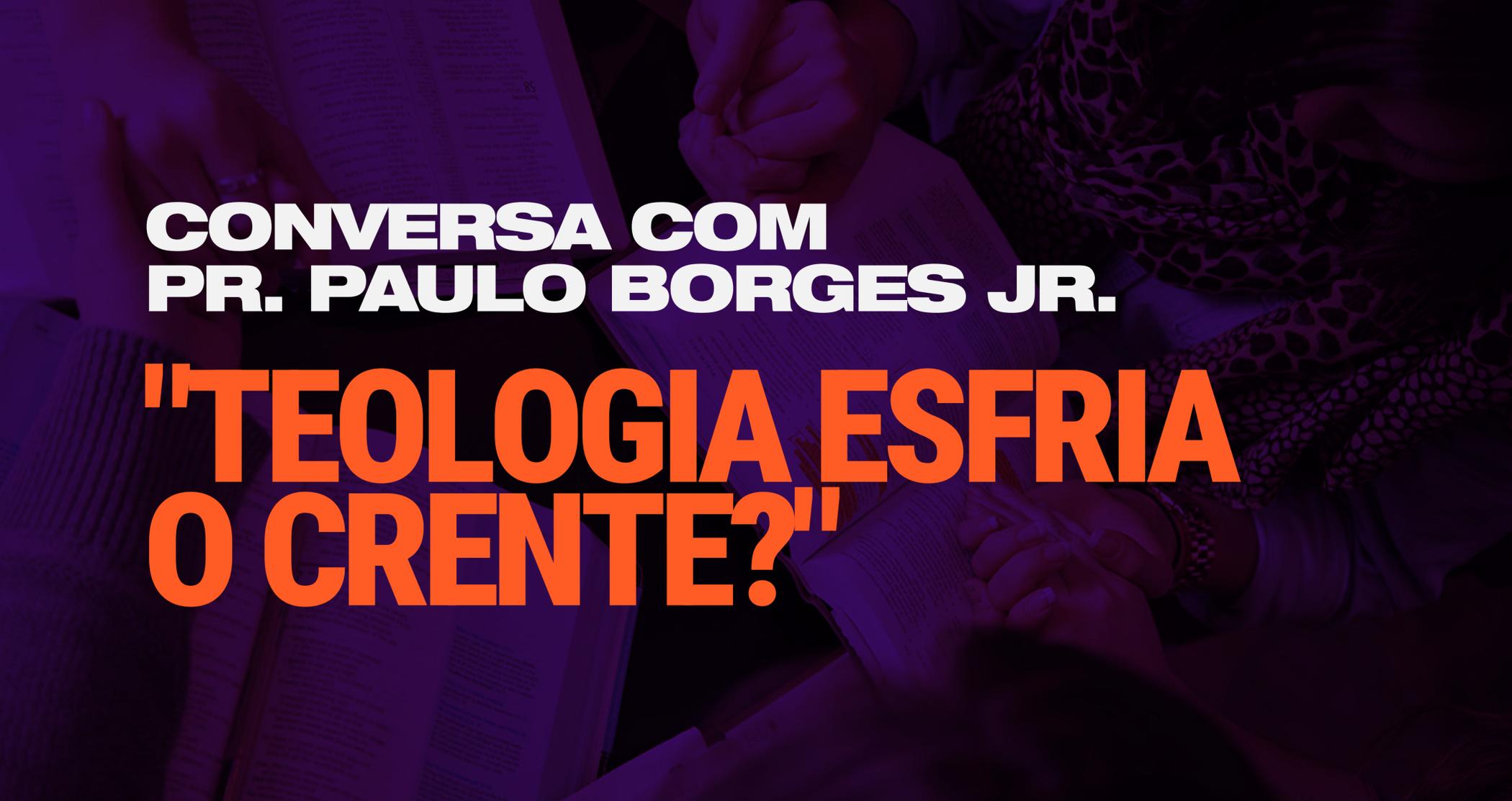
- Orações e jejuns centrados em interesses próprios.
- Leitura bíblica rasa, sem profundidade.
- Dificuldade de responder aos desafios contemporâneos por falta de conhecimento da Palavra.



NA SOCIEDADE:

- Crescimento de cristãos não praticantes.
- Influências antagônicas à fé cristã nas escolas e na mídia.
- Jovens abandonando a igreja devido à ausência de fundamentos sólidos.

A solução está em um compromisso renovado com a Palavra de Deus e com o estudo teológico. É preciso que pais, mães e famílias se dediquem ao conhecimento de Deus, não apenas para fortalecer sua fé, mas também para instruir seus filhos e responder aos questionamentos do mundo. Amar a Deus com todo o entendimento é um chamado que exige seriedade e dedicação.



**CONVERSA COM
PR. PAULO BORGES JR.**

"TEOLOGIA ESFRIA O CRENTE?"

Essa pergunta é levantada o tempo todo, e quero esclarecer isso com base no que Jesus disse. O que esfria qualquer pessoa, não apenas o crente, é a multiplicação da iniquidade.

Jesus falou que, por causa disso, o amor se esfriaria. E o que é a iniquidade? Não é erro, nem impiedade; é o direito. Quando fazemos algo pensando apenas em nosso próprio benefício, mesmo algo como teologia, isso pode nos esfriar.

Isso porque a vida só é vida enquanto há entrega. Tudo que fazemos com um espírito de entrega nos aquece; tudo que fazemos para preservar nosso direito nos esfria.

A teologia, por exemplo, deveria ser o maior fator de aquecimento da fé. Mas, se a usamos de forma errada, focando

apenas em reforçar nosso "direito" ou para nos beneficiar, ela pode se tornar um fator de esfriamento.

Inclusive, eu mencionei que o diabo é, em tese, o maior estudioso da Bíblia. Ele lê e usa as Escrituras para sustentar argumentos egoístas e confundir. Quando lemos a Bíblia na perspectiva de salvar a nós mesmos, acabamos matando o espírito da Palavra.

! A teologia não pode ser uma aspiração para nos tornarmos algo que não somos. Ela deve ser um reflexo da nossa consciência de quem fomos criados para ser. Não é um reforço dogmático do que já entendemos; é uma fonte contínua de conhecimento.

Em outras palavras, a teologia não é um argumento para destruir inimigos ou para que nos apoiemos em conclusões. É uma ferramenta para reconciliação, para expandir e compartilhar o conhecimento.

Além disso, eu expliquei a diferença entre "entender" e "conhecer". Entender está limitado às nossas conclusões humanas. Conhecer é um processo contínuo e profundo. É como um relacionamento conjugal: por mais que você tente entender todas as nuances, sempre haverá situações e mudanças que desafiarão o entendimento.

Outra metáfora que usei foi sobre "condições normais de temperatura e pressão". A teologia não pode ser hermética, com conclusões que só funcionam em ambientes controlados.

Cada pessoa tem sua própria dinâmica, e o verdadeiro conhecimento de Deus surge quando reconhecemos e abraçamos essas diferenças. Ao invés de impor condições específicas, devemos estar abertos às diversas reações e respostas individuais à teologia.

Eu reflito muito sobre a história de Moisés. Em determinado momento, Deus disse a ele que batesse na rocha para saciar a sede do povo. Mais tarde, Deus instruiu que ele apenas falasse com a rocha. No entanto, Moisés usou o mesmo método anterior e bateu novamente. Esse ato, considerado errado por Deus, foi suficiente para impedir Moisés de entrar na Terra Prometida. Isso mostra que a nossa jornada para conhecê-Lo é realmente desafiadora e cheia de nuances.

O que acontece é que a teologia também nos conduz a produzir nuances, respostas e expressões únicas. Por exemplo, quando vou à África, encontro condições normais de temperatura e pressão completamente diferentes das que experimento aqui. Isso muda a teologia em si? Não. A teologia

permanece a mesma. Mas lá ela ganha sotaque, novas percepções, rituais, comportamentos e até coreografias diferentes.

Se eu tentar impor um padrão dogmático teológico, precisarei recriar o mesmo ambiente para obter os mesmos resultados. Mas isso não significa que terei a mesma expressão, e o que importa de fato é o *fruto* – a expressão verdadeira e autêntica da teologia.

Nesse sentido, vejo que meu empenho na teologia é como o trabalho de um engenheiro. Existe o que será construído em cima, mas o mais importante é o fundamento – a parte invisível. O que eu quero trazer para essa escola de teologia é exatamente essa plataforma invisível. E, para ser saudável, essa plataforma precisa ser relacional e afetiva.

Sem amor, não há conhecimento verdadeiro de Deus. Não é zelo, doutrina, liturgia ou metodologia; é amor. Sem amor, eu minto ao dizer que conheço a Deus. O maior desafio teológico não é o quanto sei sobre Deus, mas o quanto isso me aproxima dos meus irmãos.

Eu verifico se minha teologia é saudável observando se ela me aproxima ou me distancia dos outros. Qualquer conhecimento

teológico que me afaste do meu irmão é demoníaco, é anticristo.

A teologia genuína deve produzir reconciliação. O ministério da igreja é a reconciliação, não a condenação. Quando minha teologia aumenta minha paciência, sei que estou no caminho certo. Quando diminui, essa teologia não vem de Deus. O fruto do Espírito opera em paciência, domínio próprio e fraternidade.

As pessoas frequentemente confundem domínio próprio com autoflagelação ou sacrifício motivado pelo medo. Mas domínio próprio é quando tenho razões para ficar com raiva do meu irmão, mas escolho ser paciente.

Isso me leva à fraternidade, mas não apenas a fraternidade daqueles que concordam comigo. É a fraternidade que supera diferenças teológicas. É uma amizade profunda com aqueles que pensam diferente. Quando alcanço essa disposição de dar minha vida por esses irmãos, sei que minha teologia não é mais míope nem estéril.

Por fim, acredito que toda teologia que me faz enxergar apenas o que está perto e me afasta do processo relacional é uma teologia doente. A verdadeira teologia traz vida, reconciliação e conexão – com Deus e com os outros.

Quando me convidaram para participar da semana teológica, eu aceitei com alegria porque queria falar sobre algo que considero essencial: **"Teologia não se faz sozinho. Teologia se faz em família. A teologia precisa ser relacional."**

O motivo por trás dessa declaração é simples: a teologia não é apenas para nos fazer amar mais a Deus, mas também para nos fazer amar mais uns aos outros. E isso não vale apenas para o resultado da teologia, mas para o processo em si – ela também deve ser produzida em família, em comunidade.

Eu me inspiro muito no apóstolo Paulo. Ele escreveu várias cartas que mostram como a teologia se aplica em diferentes contextos. Por exemplo:

Romanos:

aborda como a teologia funciona em ambientes de poder e domínio, como seria fazer teologia em um lugar como Brasília.

Efésios:

apresenta o conteúdo teológico essencial.

Filipenses:

foca na transformação emocional que a teologia pode causar, como a alegria e o encorajamento.

Colossenses:

trata da prática cristã e da paz de Cristo dominando o coração e a mente.

Gálatas:

é o ambiente do embate teológico, onde Paulo enfrenta o legalismo, expondo um dos maiores desafios da teologia.

Muitas vezes, pensamos que o maior desafio teológico é combater a idolatria de lugares como Éfeso ou lidar com o poder de Roma. Mas não é isso. O grande conflito da teologia está em como ela pode nos separar uns dos outros.

Quando usamos a teologia para estabelecer direitos em vez de responsabilidades, criamos divisões. E foi exatamente isso que Paulo enfrentou com Pedro – um conflito de irmãos na fé. Pedro usava a teologia para “salvar o Salvador”, enquanto Paulo a utilizava para salvar o próximo.

Paulo, que antes matava seus irmãos em nome da teologia, agora era quem ajudava Pedro a entender que a teologia é sobre reconciliação. Ele não teve medo de confrontar Pedro, mas também o amou profundamente. Esse é o tipo de coragem e ousadia de que precisamos hoje.

Não podemos criar uma teologia onde cada um se isola em sua própria sala, evitando conversas difíceis. É preciso coragem para enfrentar questões teológicas que podem parecer divisoras, mas que, no final, nos aproximam ainda mais como irmãos.



Pedro, no fim de sua vida, reconheceu isso. Ele disse que Paulo falava coisas difíceis de entender, mas que valia a pena ouvir, porque Paulo o amava. Isso mostra que a teologia não é para gerar entendimento total, mas para criar amor e unidade.

A minha geração tem se poupado demais. Muitos fazem teologia a partir do púlpito, onde ninguém pode interrompê-los, mas a teologia precisa ser feita na mesa, no contato relacional. O púlpito é para a defesa da fé, mas a verdadeira expressão da fé é o amor. Não adianta fazer a defesa da fé sem apontar para o amor.

Gálatas é um exemplo poderoso desse dilema. Paulo escreve de forma quase constrangedora, confrontando como rapidamente abandonamos uma teologia relacional para abraçar uma teologia de argumento. Ele chegou a pensar que todo o seu trabalho foi em vão, devido à velocidade com que as pessoas se afastaram desse modelo.

O maior dano à sociedade hoje vem do que estamos transformando a teologia em algo que ela não é. A teologia deveria reconciliar até os piores inimigos, e não reforçar a razão das nossas divisões.

Se quero saber se estou realmente amando a Deus, o critério é claro: como amo meu irmão. Não posso dizer que amo a Deus, a quem não vejo, se não consigo amar meu irmão, a quem vejo.

Se a essência da teologia não for o amor, ela não é teologia.

Tenho refletido sobre algo que pode parecer chocante, mas é importante lembrar: o período da escravatura africana, asiática e brasileira coincide com a Reforma Protestante.

A igreja passou por uma reforma teológica, mas rapidamente voltou às suas práticas escravagistas. Ela usou a fé para escravizar ao invés de reconciliar. Ela prosperou às custas da

escravidão, justificando que o errado deveria ser escravo do certo.

Mas uma teologia que leva ao Pai? Isso é impossível! Porque ela reconcilia, emancipa, promove, não explora. Consigo imaginar algo importante aqui: no Brasil, durante a escravidão, os dois grandes sócios da escravatura eram uma nação protestante e uma nação católica romana – Inglaterra e Portugal.

Lá fora, eram inimigos, lutavam entre si. Mas aqui, no interesse comum da escravização, eles eram parceiros. Isso nos mostra como uma teologia desconectada do Pai é capaz de desumanizar e explorar, ao invés de reconciliar.

Recentemente, estive refletindo sobre como uma teologia corrompida pode unir interesses egoístas e até produzir associações inimagináveis. Esse tipo de teologia não liberta, não promove e não emancipa. Ela é escravizante.

Uma teologia que não tem coragem de sentar à mesa e tratar assuntos difíceis em amor e fé, que evita conversas desafiadoras e só facilita as coisas, é suspeita. Teologia de verdade exige diálogo honesto, confronto em amor, e isso muitas vezes nos leva a lugares desconfortáveis, mas necessários.



Superficialidade não nos permite aprofundar, olhar além da camada aparente, e isso é perigoso porque enfraquece nossa capacidade de refletir profundamente sobre as coisas mais importantes.

Jesus é o exemplo perfeito de como usar momentos de solitude. Ele nunca pensava sobre como poderia melhorar a si mesmo ou garantir sua própria segurança. Ele pensava em nós. Quando Jesus orava, ele orava pelos outros, sacrificava-se por eles e santificava-se por eles. Isso nos ensina que o tempo de solitude não é para encher nosso copo, mas para reabastecer nossa fonte. É um tempo de preparação para continuar entregando mais.

O problema é que, muitas vezes, transformamos solitude em solidão, algo egocêntrico. Em vez de usar esse tempo para refletir sobre como podemos servir melhor os outros, acabamos pensando em como podemos ser melhores para

nós mesmos, e isso apenas reforça amarguras e inseguranças.

O verdadeiro tempo de reflexão deve nos levar a pensar em alguém, não em algo. Quando pensamos no outro, somos iluminados, somos transformados em nossa forma de agir e comunicar. Mas, se pensamos apenas em nós mesmos, tornamo-nos teimosos, radicais e insuportáveis.

Chego a uma conclusão: estamos produzindo uma teologia de *formatação*, e não de transformação. Formatação é tentar impor minha forma de pensar no outro, apagando as diferenças que ele traz.

Transformação, por outro lado, é permitir que eu mesmo mude para alcançar quem ainda não alcancei. Jesus nos alerta sobre isso. Ele não quer que formatemos os ignorantes, tornando-os ainda mais resistentes. O foco está em partir de onde o outro está, em transformar, em vez de impor.

Paulo nos deu um exemplo incrível disso em Atenas. Ele não desprezou o conhecimento que as pessoas já tinham. Pelo contrário, usou a sabedoria que eles possuíam como ponto de partida para levar transformação.

Outro exemplo é o de Filipe e o eunuco. Filipe se esforçou para

alcançar o eunuco onde ele estava. Ele não esperou que o eunuco fosse ao ambiente de Filipe. Ele entrou no mundo do outro com respeito e empatia. É esse esforço que define uma teologia saudável.

A teologia saudável parte da convicção de que só há Deus, e que Ele é Pai. Se vejo no outro uma pessoa criada por Deus, parto do pressuposto de que ele é meu irmão. Não cabe a mim provar que ele é meu irmão; é ele quem deve me provar que não é. Porque eu sou a certeza para ele de que existe um Deus Pai que o ama. Esse é o coração de uma teologia que liberta, transforma e reconcilia.



Douglas Gonçalves diz:

Esse texto que você mencionou sobre Filipe e o eunuco realmente traz uma parte muito impactante. Quando Filipe pergunta: “Entendes o que lê?” e o eunuco responde: “Como poderei entender, se não há quem me explique?”, isso ressoa profundamente comigo. Essa resposta toca no coração do que estamos fazendo aqui.

É exatamente essa a proposta: construir um espaço onde possamos ajudar uns aos outros a entender mais sobre o Senhor e a Sua vontade.

A teologia aqui não é para formar grandes pregadores ou estrelas, ainda que alguns que estão conosco possam acabar pregando ou liderando. A maioria das pessoas aqui, no entanto, são pais, mães, trabalhadores, jovens – gente comum que, acima de tudo, precisa levar a teologia para a mesa de suas casas e para as relações do dia a dia.

Nós desejamos que, ao sentar à mesa, essas pessoas conheçam o Senhor tão profundamente que consigam revelá-Lo através do amor ao próximo. Isso é o que importa. Essa é a essência.

Quero enfatizar que o objetivo de hoje foi trazer fundamentos e provocar reflexões mais profundas. Algumas pessoas podem até ter achado certas partes confusas ou desafiadoras, mas é exatamente por isso que propomos que você pare, reflita e volte ao que foi dito. Nem tudo precisa ser mastigado e entregue pronto. Queremos provocar em você fome, sede de ir além, de pensar criticamente e buscar com intensidade.



Paulo Borges Jr:

Paulo trouxe uma reflexão muito interessante sobre Gálatas, onde ele diz que, enquanto somos crianças, estamos sob

tutores, mas, ao atingir a plenitude, precisamos nos emancipar. Esse é um ponto crucial. Ainda estamos produzindo uma teologia para proteger crianças espirituais, não para responsabilizar adultos na fé. Fazemos uma teologia que busca garantir a salvação, mas não a responsabilidade. E isso precisa mudar.

! A teologia deve produzir adultos espirituais capazes de conviver com ideias diferentes, entender o mundo e enxergar que não estamos fazendo o trabalho de Deus – estamos entrando no trabalho que Ele já está realizando.

Quero compartilhar um testemunho. Há muito tempo, no início do meu ministério em Uberlândia, conheci uma mulher chamada Irlene, que era uma importante líder do movimento espírita.

Ela frequentava um pequeno grupo que eu liderava e era muito estudiosa, com um discernimento impressionante. Mesmo com crenças diferentes, ela tinha curiosidade de participar e até queria me ajudar a ter uma coluna evangélica no jornal onde escrevia.

Um dia, ela me disse que não voltaria ao grupo porque suas perguntas geravam polêmicas e ela não queria atrapalhar. Eu

disse a ela: “Irlene, quem você acha que está mais interessado em resolver nossas diferenças? Não é Deus, que é Pai? Somos irmãos. Vamos deixar o Espírito Santo nos esclarecer.”

Tempos depois, algo extraordinário aconteceu. Ela me contou que, certa madrugada, ouviu uma voz chamando seu nome. Pensando que era o marido, acordou-o. Mas ele respondeu: “Não sou eu, deve ser seu Deus querendo falar com você.”

Ele até ironizou, dizendo para ela abrir a Bíblia. Ela lembrou que estava sem óculos, mas, para sua surpresa, o marido havia consertado os óculos e colocado dentro da Bíblia. Quando abriu a Bíblia para ler, teve um encontro profundo com Jesus.

Isso me traz de volta à essência: ou fazemos uma teologia que reconcilia irmãos com o Pai, ou apenas praticamos um proselitismo vazio, achando que estamos fazendo teologia.

Pedro enfrentava algo semelhante, como Paulo apontou. Sua teologia era para “se salvar”, para se garantir, e não para se expor. Mas a verdadeira teologia nos expõe ao risco, nos tira da zona de conforto e nos desafia a confiar no Espírito Santo.

SEMANA TEOLÓGICA

JESUS
COPY